

CRB-6

v.11 | n.1 | 2016

Informa

Conselho Regional de Biblioteconomia 6º Região - 17º Gestão



Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselho Regional de Biblioteconomia

BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Espaços culturais que
inspiram a excelência

As oportunidades de mercado
fora das bibliotecas

CRB-6 comemora 50 anos
de muitas conquistas





i10 bibliotecas

Uma solução inovadora e produtiva desenvolvida especialmente para a sua biblioteca

Saiba mais:

 /i10biblioteca

 /praxissolucoesltda



www.praxis.com.br | 31 3273.2861

 **praxis**



PABLO JORGE
Comissão de Fiscalização
Coordenador

A 17ª gestão do CRB-6 tem pautado suas ações em diversas frentes: aproximação com a academia, promoção do fazer bibliotecário, fortalecimento das bibliotecas públicas e escolares, incentivo à qualificação e à ciência, entre diversas outras atividades que visam robustecer a Biblioteconomia mineira e capixaba. Mas, acima de tudo, o Conselho tem atuado fortemente no seu objetivo primário: fiscalizar o exercício da profissão.

Por intermédio da Comissão de Fiscalização e de seus bibliotecários fiscais, o CRB-6 tem se dedicado ao aprimoramento de suas ações, visando alinhar a sua atuação aos anseios da classe bibliotecária, o que implica em mais cidades visitadas e mais instituições fiscalizadas.

Somente em 2015 foram quase 500 visitas fiscalizatórias realizadas nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Isso representa 25% de aumento em relação ao ano anterior. Um trabalho nunca antes feito pela nossa autarquia. Neste primeiro semestre de 2016, já somamos 50 cidades visitadas e 300 bibliotecas fiscalizadas nos dois Estados. Um recorde! E isto tudo apenas na primeira metade da 17ª gestão.

Temos intensificado as fiscalizações no interior de Minas, bem como as visitas aos municípios espírito-santenses, sobretudo em cidades com maior potencial de contratação de profissionais. Além disso, diversos concursos públicos, especialmente em prefeituras, foram abertos após intervenção do Conselho.

O CRB-6 trabalha arduamente para dignificar o bibliotecário e garantir que a população tenha a sua disposição um profissional habilitado para exercer o seu papel de educador e mediador no acesso à informação, promovendo a leitura e a formação de leitores e, sobretudo, o desenvolvimento da sociedade.

Certamente, há muito a ser feito. Entretanto, temos realizado mais do que o possível com os recursos humanos e financeiros de que dispomos para atender dois Estados que, juntos, somam 953 municípios, cada um com suas especificidades.

Confira nesta edição a reportagem "Fiscalização e luta pela valorização dos bibliotecários" e saiba mais sobre o trabalho realizado. Acompanhe nossos canais de comunicação e redes sociais, participe, denuncie, envie sugestões. Contamos com a colaboração de todos para que possamos desempenhar um trabalho de excelência.

Divulgação



12

Divulgação



16

Marlos Ney Vidal



20

Designed by Freepik



24

BIBLIOTECAS MÓVEIS

Caminhos da leitura

6

CARREIRA

Bibliotecário sem bibliotecas?

8

ENTREVISTA

Rosana de Mont'Alverne

12

CAPA

Cada vez mais pública

16

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Projetos sociais apostam
no poder da leitura

20

MERCADO

Acervo da saúde

24

FISCALIZAÇÃO

Fiscalização e luta pela
valorização dos bibliotecários

26

ESPECIAL

CRB-6 50 anos

28

EXPEDIENTE

CRB-6 Informa

ISSN 1982-775X

Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região
Av. Afonso Pena, 867 – Salas 1.110/1.111/1.112
Belo Horizonte/MG – CEP 30130-002

Telefones: (31) 3222-4087/3224-8355

Site: crb6.org.brBlog: blog.crb6.org.brTwitter: twitter.com/crbseisFacebook: facebook.com/crbseis

Comitê Editorial

Coordenação-geral:

Álamo Chaves de Oliveira Pinheiro (CRB-6/2790)

Conselheiros:

Edvânia Aparecida de Souza Guedes (CRB-6/1686)

Fabiola Gomes Terenzi Gonçalves (CRB-6/2588)

Colaboração especial:

Marina Nogueira Ferraz (CRB-6/2194)

Mário Diógenes Garrido Eva

Pablo Diego Silva de Souza Jorge (CRB-6/2558)

Produção:

Prefácio Comunicação Ltda.

Rua Dr. Sette Câmara, 75 – Luxemburgo

Belo Horizonte – Minas Gerais

Telefone: (31)3292-8660

Jornalista: Ana Luiza Purri (MG 05523 JP)

Redação: Fabiana Senna, Guilherme Barbosa,

Jéssica Marques, Maíra Bueno e Raphaela Canabrava

Revisão: Alexandre Magalhães e Álamo Chaves de
Oliveira Pinheiro (CRB-6/2790)

Editoração:

Tiago Serafim Marques

tiagomarques.mg@gmail.com | (31) 9 8538 0352

17ª Gestão do CRB-6

Diretoria:

Presidente: Mariza Martins Coelho (CRB-6/1637)

Vice-Presidente: Denise Ramos (CRB-6/1000)

Tesoureiro: Álamo Chaves de Oliveira Pinheiro
(CRB-6/2790)

1º Secretário: Heros Leite Chaves (CRB-6/2690)

2º Secretária: Carina Rejane Martins (CRB-6/2336)

Conselheiros:

Edvânia Aparecida de Souza Guedes (CRB-6/1686),

Fabiola Gomes Terenzi Gonçalves (CRB-6/2588),

Felipe Lopes Alves (CRB-6/2897), Mirian da Conceição

Rezende e Scalabrini (CRB-6/769), Pablo Diego Silva

de Souza Jorge (CRB-6/2558), Wander Lúcio Silveira

Garcia (CRB-6/2035)

Caminhos da leitura

Bibliotecas itinerantes quebram a rotina de comunidades carentes ao incentivar a leitura de forma menos burocrática e mais inclusiva

Já diz o ditado “a leitura dá asas à imaginação”! Então, por que a biblioteca, reduto de infinitas possibilidades de fantasias, não pode se reinventar e se permitir sair do lugar comum? Essa foi a proposta do *Carro Biblioteca: Frente de Leitura*, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), criado em parceria com o já extinto Instituto Nacional do Livro, em plena década desenvolvimentista de 70 (1973).

Com o objetivo de levar a leitura à população de bairros mais afastados da Região Metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais, que dificilmente teria acesso aos livros, parte do acervo do Sistema de Bibliotecas da UFMG é colocado em uma Kombi, que percorre as regiões realizando o empréstimo de livros e promovendo ações culturais e educativas.

“O projeto faz com que os moradores de comunidades socialmente vulneráveis se aproximem da Universidade, despertando o senso crítico e levando essas pessoas a refletirem sobre a possibilidade de fazer cursos. Além de transformar as realidades

dessa população mais carente, o *Carro Biblioteca: Frente de Leitura* já inspirou diversos projetos de pesquisa e foi terreno fértil para a formação de diversos alunos da Escola”, destaca Gracielle Mendonça Rodrigues Gomes (CRB-6/2338), bibliotecária e co-coordenadora do programa.

Atualmente, no seu quarto veículo adaptado – um ônibus com um telecentro -, o programa já soma mais de 400 mil empréstimos; 27 projetos desenvolvidos; 64 teses, dissertações e trabalhos publicados; e já foi espaço para a formação de quase 400 estagiários bolsistas. Em 2016, o *Carro Biblioteca: Frente de Leitura* comemora 43 anos de trabalhos ininterruptos, sendo o segundo mais antigo programa de extensão da Universidade.

Fábricas de inclusão cultural

Outro projeto que atua no fomento à leitura é o *Biblioteca Itinerante nas Empresas*, uma iniciativa da bibliotecária responsável pela Biblioteca Pública Municipal de Ubá, em Minas Gerais, Rosemary Andrade Flores (CRB-6/2793). De tempos em tempos, ela seleciona parte do acervo e os disponibiliza para empréstimos nas fábricas de móveis da região – atividade comercial que faz com que a cidade seja conhecida como polo moveleiro. “Quando eu comecei com o projeto nas fábricas, os trabalhadores não sabiam nem da existência da biblioteca pública da cidade. Não tinham noção da gratuidade do serviço. E eu acredito muito no papel de inclusão social desses equipamentos culturais. Esses espaços devem ser acessíveis, sem entraves. A informação precisa ser democratizada”, enfatiza.

Do total de 22 mil obras do acervo da Biblioteca Pública de Ubá, Rosemary Flores seleciona uma



“Carro Biblioteca: Frente de Leitura” da Universidade Federal de Minas Gerais

média de mil, de acordo com o interesse dos trabalhadores, e os expõem por uma semana nas fábricas de móveis da cidade. O projeto, que começou em 2009, propõe a inclusão dos operários no universo da leitura. Para isso, é montado um espaço que lembra o ambiente das bibliotecas, com estantes, sofás, tapetes, pufes e até uma mesa, na qual a bibliotecária geralmente faz o atendimento.

“Certos grupos sociais não vêm à biblioteca por desconhecerem sua existência e não porque não têm interesse. Também vim de uma família cujo sustento dependia do nosso polo moveleiro e a necessidade de inserção de cultura nas fábricas sempre esteve muito evidente para mim. Por isso, abracei essa iniciativa, para ampliar e despertar nessas comunidades o sentimento de pertencimento em relação ao acervo disponibilizado na biblioteca municipal da cidade, destacando a gratuidade de acesso a esse serviço”, explica Rosemary. Cada trabalhador pode pegar até três livros por vez e ficar com eles por duas semanas. Também não há burocracia para os empréstimos, que são feitos mediante cadastro com foto, comprovante de residência atual e documento de identificação.

Encontro com Leitores

Os capixabas moradores da cidade de Anchieta também contam com uma biblioteca móvel. O projeto itinerante da Biblioteca Municipal Professor José de Anchieta Pompermayer funciona por meio de um ônibus adaptado para o transporte de livros, jogos e materiais didáticos. “O projeto vai ao encontro dos leitores onde eles estiverem”, afirma a bibliotecária Ferdinanda Zanella (CRB-6/ES 829).

A biblioteca móvel percorre todo o município levando à população anchietaense uma variedade de livros, realizando contação de histórias e atividades de pintura como forma de entretenimento e valorização da literatura. Os serviços oferecidos são semelhantes aos de uma biblioteca fixa, ou seja: empréstimo de livros, auxílio à pesquisa, mediação de leitura, atividades culturais e de lazer. O projeto busca fortalecer, ainda, o prazer e a oportunidade de se ter um livro mais perto das pessoas, além de divulgar e propagar a leitura.

Divulgação



Biblioteca itinerante vai ao encontro dos leitores

“Ao longo dos anos atuando como bibliotecária da Superintendência de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, compreendi que a biblioteca é o principal equipamento cultural social dentro de uma comunidade, devido ao seu caráter extremamente democrático”, afirma a bibliotecária Marina Nogueira (CRB-6/2194), especialista na área. Sua reflexão reforça a importância das bibliotecas, em especial as itinerantes, para atingir um público diferenciado em locais que, muitas vezes, não são alvo de investimentos por parte, sobretudo, dos governos.

O Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região (CRB-6) tem publicado, semanalmente, em seus canais de comunicação, matérias que versam sobre a importância desses espaços e das atividades desenvolvidas por bibliotecários mineiros e capixabas como forma de valorizar este trabalho.

Mais mobilidade para a leitura

Há diversos projetos similares no país. Confira alguns no Blog do CRB-6 (blog.crb6.org.br):

- Biblioteca Móvel Embarque nas Letras – Araxá (MG)
- Biblioteca Ambulante - Patrocínio (MG)
- Ônibus-Biblioteca - Uberlândia (MG)
- Biblioteca Itinerante - Lavras (MG)

Bibliotecário sem bibliotecas?

Profissionais da área desbravam diferentes mercados e inspiram novas possibilidades de trabalho

Engana-se quem acredita que o papel do bibliotecário se limita à organização de acervos, e mais ainda, que estes acervos sejam compostos apenas por materiais impressos. A base de trabalho do bibliotecário é a informação – em qualquer formato. “Aqui no Centro de Documentação da Rede Globo trabalhamos exclusivamente com imagens em movimento. Tudo o que passa em nossos programas é indexado e arquivado, além do material bruto das gravações”, esclarece a bibliotecária Maria de Lourdes Pereira Gomes (CRB-6/816), supervisora

executiva de pesquisa do Centro de Documentação da Globo Minas (Cedoc).

Para arquivar o material, o jornalista do Cedoc decupa a fita, descrevendo minuciosamente seu conteúdo. Os vídeos são, então, indexados e arquivados, identificados e organizados por palavras-chave, processo realizado com o auxílio do Thesaurus. “Trata-se de um trabalho muito específico de biblioteconomia. Não acredito que outro profissional seja capaz de fazê-lo com tanta competência”, pontua Maria de Lourdes. Com as fitas indexadas correta-

Divulgação



Bibliotecária do Centro de Documentação da Globo Minas, Maria de Lourdes Gomes

Divulgação



Equipe da Biblioteca Virtual da Associação Médica de Minas Gerais (AMMG)

mente, qualquer profissional da equipe – composta de jornalistas, bibliotecários e editores de VT – está apto a fazer a pesquisa e localizar o material. Sobre o exercício da profissão, a bibliotecária é taxativa: “este é um trabalho nos quais as carreiras costumam ser longas, pois forma-se pouca mão-de-obra especializada”. No Centro de Documentação da Globo Minas, trabalham duas bibliotecárias.

Com o avanço das tecnologias digitais, bibliotecas inteiras são estruturadas nesse formato. A Biblioteca Virtual da Associação Médica de Minas Gerais (AMMG) é uma das pioneiras no segmento. “Nosso trabalho, além de voltado para a classe médica, dentre profissionais e alunos, é bem diferente do que o ‘normal’, realizado em uma biblioteca pública ou escolar”, afirma bibliotecária Miriam Carvalho (CRB-6/1250), especialista em gestão estratégica da informação da AMMG. “Oferecemos um serviço muito personalizado, em que monitoramos assuntos de interesse diversos, pois o volume de informações médicas é muito alto”, pondera.

O serviço é disponibilizado para todos os profissionais associados à AMMG e, de acordo com Miriam, “geralmente é um trabalho que dá retorno

concreto, pois auxilia o médico a sanar dúvidas sobre exames, prognósticos, tratamentos e formas de prevenção”. Para ela, o bibliotecário, neste âmbito, tem também o papel de educador: “ensinamos o médico a lidar com a fonte da informação, além de mostrar onde encontrar fontes confiáveis”.

O trabalho da Biblioteca Virtual também está presente no interior de Minas Gerais. São 72 associações médicas filiadas, e a equipe de Miriam Carvalho esteve presente em 40 delas para apresentar os recursos da instituição. “Mostramos aos médicos a importância de se manter atualizados, e como as atualizações estão cada vez mais rápidas. Nosso lema é: ‘Atualize-se: o paciente e a sociedade agradecem’”, explica. Nessas viagens, a ideia não é duplicar o acervo que já existe na AMMG, mas criar um canal entre as bibliotecas do interior e o acervo disponível na Biblioteca Virtual.

A Biblioteca Virtual da AMMG realiza assessoria científica em congressos, outro serviço pioneiro no Brasil. Quando um congresso é organizado, a equipe da Associação disponibiliza aos palestrantes, associado ou não, uma pesquisa sobre o tema de sua apresentação. Segundo Miriam, “durante o



Todeska Badke, bibliotecária e diretora executiva da eDOC Consultoria e Capacitação

evento, a biblioteca é transferida para o local e todo o trabalho que foi organizado para o palestrante fica disponível para o público. Já teve palestrante que achou que era pegadinha”, diverte-se.

O projeto da Biblioteca Virtual da AMMG, de autoria de Miriam, é registrado na Biblioteca Nacional, e começou a ser implantado em 1997, e conta com quatro profissionais, familiarizados com bases de dados e com a terminologia específica da medicina. “É importante que o profissional domine o conhecimento da Biblioteconomia, mas que também tenha conhecimento da área de especialização da biblioteca. Um médico que procure apenas por ‘gestação de risco’, por exemplo, vai ter um resultado mais amplo se o bibliotecário souber quais termos relacionar a este”, ressalta.

“Acho que existe uma defasagem de profissionais. E acredito que o próprio profissional pode abrir caminho para outros profissionais, criando serviços para expandir seu trabalho e se tornando mais visível. Antes, atendíamos, no máximo, dez médicos por semana. Agora, podemos atender qualquer um que tenha acesso à internet, e chegamos a atender a mais de 300 pedidos por mês”, conclui.

O bibliotecário no mundo dos negócios

Há também os bibliotecários que transitam em ambientes de negócios. Em geral, trabalham com a gestão de informações empresariais, sejam como consultores ou como funcionários. “Toda empresa produz informação, o tempo todo e é com essa informação que as empresas ganham dinheiro”, aponta Todeska Badke (CRB-6/1100) diretora executiva da eDOC Consultoria e Capacitação. “Em 40 anos de profissão, já vi bancos e outras empresas perderem muito dinheiro por não conseguir encontrar determinado comprovante. Perde-se dinheiro por desorganização da informação”, exemplifica.

Na gestão desses documentos entra o trabalho do bibliotecário. Trata-se de uma atividade dinâmica, uma vez que cada empresa, pública ou privada, exige uma metodologia diferente. “Cada projeto é uma arquitetura nova. De uma empresa para outra muda tudo e o bibliotecário tem que estar atento às especificidades. Ainda que existam metodologias básicas, é necessário pensar uma modelagem para cada cliente, pois suas necessidades de conhecimento são diferentes”, explica.

Todeska estruturou sua empresa de consultoria, com sede em Vitória (ES), ainda na década de 1980, e é uma pioneira da área. Em sua carteira de clientes já passaram grandes corporações, como Vale, Rhodia, Coca-Cola, Unimed, Gerdau, Mendes Júnior, Andrade Gutierrez, Fiat, BMG e Petrobrás. Atualmente, se dedica à atuação em projetos de capacitação e eventos. Para ela, “ainda há muito o que se fazer” em termos de gestão de informação: “em um momento de recessão econômica, é complicado falar de grandes perspectivas profissionais. Mas o mercado em que o bibliotecário pode atuar é gigantesco e só se expande à medida que novas ferramentas podem ser utilizadas”, afirma.

Para a bibliotecária, a chave da profissão está em se desenvolver pela atuação no mercado. “Cursos de especialização ajudam, hoje existem programas excelentes. Quanto mais conhecimento na sua profissão melhor. Mas, realmente, para o empreendedor se manter é necessário trabalhar muito e ter diversidade nos projetos. Cada projeto é um novo aprendizado. Literalmente aprendo todos os dias. Vivemos a era da velocidade da informação. É muito difícil acompanhar tudo o que acontece. É necessário ter o perfil aberto ao aprendizado”, considera.

Mercado aberto para a Biblioteconomia

Documentos como plantas e mapas também devem passar pelo tratamento do bibliotecário antes de seu arquivamento. Na Engesolo Engenharia, em Belo Horizonte, Alcione Sepulveda (CRB-6/457) é a responsável não apenas por catalogar, selecionar e disseminar informações presentes em obras técnicas. Ela é responsável, também, por indexar

e catalogar qualquer documento produzido pela corporação. “É um trabalho muito específico do bibliotecário, e é importante conhecer bem a empresa”, diz. Segundo Alcione, “o bibliotecário tem que ser um pouco especialista na sua área de atuação. Acabo aprendendo um pouco de engenharia aqui. Também é importante ter o domínio da língua inglesa”, exemplifica.

Instituições culturais, como museus, podem ter centros de documentação e bibliotecas. É o caso do Museu de Arte da Pampulha (MAP). A bibliotecária responsável, Celeste Fontana (CRB-6/1907) considera que, embora a essência das atividades seja a mesma – gerenciar a informação e disponibilizá-la com qualidade e agilidade –, trabalhar em uma instituição como o MAP tem suas peculiaridades. O Museu tem um acervo especializado em artes visuais e, segundo a bibliotecária, “exige um processamento técnico com alto grau de especificidade, como no caso de auxiliar na concepção e produção de exposições”. “O bibliotecário é imprescindível na formação do corpo técnico museológico, tanto para o tratamento do acervo bibliográfico, como para o acervo documental”, avalia.

O acervo do MAP é composto por cerca de oito mil itens bibliográficos e multimídias.

Sobre a profissão de bibliotecário, Celeste considera que há muito trabalho a ser feito, mas o mercado é promissor. “Fatores importantes a serem considerados são a atuação dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, a oferta de cursos excelentes em algumas universidades e o nível de conscientização crescente da população em relação ao consumo de informações culturais”, avalia.



... o mercado em que o bibliotecário pode atuar é gigantesco e só se expande à medida que novas ferramentas podem ser utilizadas



Todeska Badke, sobre a atuação do bibliotecário no mundo dos negócios

Rosana de Mont'Alverne

Divulgação



Presidente da Câmara Mineira do Livro (CML), Rosana de Mont'Alverne Neto, afirma que está envolvida com a "causa" do livro "até o último fio de cabelo"

Mineira de Três Corações, radicada em Belo Horizonte desde os três anos, a presidente da Câmara Mineira do Livro (CML), Rosana de Mont'Alverne Neto, é bacharel em Direito e mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sócia-fundadora do Instituto Cultural Aletria – editora especializada em literatura infanto-juvenil, que abriga ainda uma produtora de eventos literários e uma escola de formação de contadores de histórias e mediadores de leitura, da qual é professora –, ela também é autora de livros infantis, coordenadora-geral do Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas de Minas Gerais como representante da sociedade civil e integra o Conselho de Criminologia e Política Criminal do Estado de Minas Gerais. Envolvida com a "causa" do livro "até o último fio de cabelo", Rosana atribui sua formação às bibliotecas escolares, comunitárias, públicas e universitárias que fizeram parte de sua vida

Assim como outros setores, a cultura é uma área que, muitas vezes, sofre com a falta de incentivo do governo, o que dificulta a formação de cidadãos conscientes. De que forma a sociedade pode se envolver mais para reivindicar mudanças?

É lamentável o retrocesso a que assistimos na área da cultura, sobretudo quanto às políticas públicas do governo federal para o livro e a formação de leitores. A suspensão de programas importantes como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), por exemplo, representa um prejuízo imenso para milhares de crianças e jovens brasileiros, cujos efeitos se farão sentir num futuro próximo. É de uma irresponsabilidade sem tamanho cortar justamente nesses programas, que considerávamos políticas de estado, permanentes, e não de governos. Não se pode condicionar as políticas educacionais e culturais aos humores fisiológicos de partidos políticos que ascendem ao poder em Brasília. Aliás, precisamos sair às ruas e exigir prioridade para a educação e a cultura nas três esferas de governo: federal, estadual e municipal. A sociedade pode se envolver votando em candidatos verdadeiramente comprometidos com a educação, a cultura, o livro e a leitura, que apresentem planos de trabalho consistentes e duradouros para a área e tenham uma biografia identificada com a causa. Mães, pais e avós também podem incluir as bibliotecas, livrarias e feiras literárias em seus programas de lazer com as famílias. Objetivamente, a sociedade pode participar com sugestões para o Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, em fase de elaboração em Minas Gerais.

Na infância e na adolescência, qual era a sua relação com as bibliotecas? Você frequentava esses espaços? Recorda de algum bibliotecário que contribuiu para o seu gosto pela leitura?

As bibliotecas fazem parte do meu trajeto de leitura e da minha memória afetiva. Quando criança, eu frequentava as bibliotecas do Grupo Escolar Silviano Brandão e da Igreja São Cristóvão, ambas na Lagoinha, em BH. Na biblioteca da escola tínhamos dia e horário específicos na semana

para visitar. A própria professora se encarregava de percorrer as estantes conosco e nos auxiliava na escolha das obras, além de atuar como mediadora de leitura. Todos tínhamos ficha na biblioteca da escola e cedo aprendemos a respeitar os prazos de devolução dos livros e a cuidar bem deles – sujar, amassar, rasgar e rabiscar nem pensar! Já a biblioteca da igreja era, para mim, um local de estudos e pesquisas escolares, que possuía livros que eu ainda não podia ler e, por isso mesmo, ia lá e pegava (risos). A bibliotecária da igreja era a Dona Imaculada, também professora do catecismo. Eu amava a Dona Imaculada. Era uma criatura doce, delicadíssima, muito magra, sempre bem vestida, maquiada, cabelos bem escovados e cheirosa. Acho que ela gostava de mim porque eu era a melhor aluna do catecismo e estava sempre na biblioteca. Talvez visse que seu trabalho tinha valor ao ver uma aluna/leitora tão interessada quanto eu. Mas quem era especial mesmo era ela, que de “dona” não tinha nada. Era jovem e bonita, além de educada e muito atenciosa com todos. Tenho em minha memória a imagem de suas mãos negras bem cuidadas, unhas longas pintadas de rosa clarinho, pegando nos livros como se fossem presentes. Inesquecível a Dona Imaculada.

Na minha casa tínhamos uma modesta biblioteca, mas na época eu a considerava enorme. Meu pai comprava enciclopédias de vendedores que batiam à porta. Tínhamos a Barsa, o Tesouro da Juventude, a Delta Larousse, entre outras. Minha mãe amava literatura, estava sempre com um bom romance nas mãos em suas horas vagas. Num belo dia notei uma gramática da língua francesa numa das estantes, peguei e comecei a estudar sozinha. E ainda ensinava para as amigas da minha rua. Como éramos oito irmãos, sendo cinco mais velhos do que eu, costume dizer que comecei a ler por inveja. Desde pequena eu os via folheando livros, encapando cadernos, manuseando grandes atlas – até hoje posso sentir o cheirinho do plástico e dos objetos novos, como borracha, estojo e pasta –, enfim, era tudo uma grande diversão. Eu queria fazer parte daquilo, queria ler, ser “importante” como eles, saber das coisas, me integrar ao grupo de

leitores e demonstrar “sabedoria” para o meu pai, um expert em jogos de palavras e conhecimentos gerais. Na adolescência já podia ser considerada uma leitora bem formada. Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental estudei no Instituto de Educação, escola modelo na época. Além de uma excelente biblioteca, tinha piscina, parque esportivo, sala de artes, anfiteatro com quadro negro pautado para ensino de música e um belíssimo teatro com todos os recursos profissionais disponíveis. A diretora era a Professora Terezinha Zica, uma figuraça! Não sei como ela conseguia, mas conhecia todos os alunos e nos chamava pelo nome. Os professores eram ótimos, eu adorava estudar lá. Depois, como não quis cursar o magistério, fui fazer o ensino médio no Colégio Estadual Central. Gostei ainda mais! O colégio era imenso, cheio de oportunidades para leitores e aspirantes a escritores como eu. Todo ano tinha o Concurso Literário, com prêmios divididos por categoria: poesia, conto, crônica e romance. Romance! Enfim, passei a infância e a adolescência entre livros, lendo e escrevendo, fazendo teatro e pintura, praticando esportes, estudando música, tudo isso em escolas públicas. E é isso que toda criança e todo jovem brasileiro merece. Este é um caminho que vale a pena trilhar, pelo qual vale a pena lutar.

Como os livros contribuíram para a sua formação acadêmica?

No curso de Direito se faz prova com os livros e códigos à mão. É leitura o tempo todo. E não só os livros técnico-jurídicos, mas sociologia, política, filosofia e literatura de um modo geral. É um curso vasto, onde todos os saberes dialogam em algum momento. Um bom profissional do Direito precisa de um grande repertório de leitura. Apesar de o Direito não ter sido o “meu sonho”, me senti à vontade no curso, não tive dificuldade nenhuma, muito pelo contrário. Tudo por conta do meu trajeto de leitura desde a infância.

O que motivou uma profissional da área de Direito a atuar com literatura?

A literatura entrou na minha vida antes do Direito, é paixão antiga. Fiz vestibular para Direito porque meu pai mandou. Acabei gostando e aproveitando muito bem o curso. Foram 32 anos de carreira, encerrada há dois anos com a aposentadoria. Mas ainda atuo na área como integrante do Conselho de Criminologia e Política Criminal do Estado. Durante todo esse tempo nunca abri mão de ler muito, escrever de vez em quando e, sobretudo, contar histórias, o que faço profissionalmente desde 1995. O que começou como um hobby acabou se tornando uma segunda profissão. A edição de livros veio um pouco depois, em 2005, quando fundei a Aletria. As coisas foram acontecendo naturalmente. A única coisa que planejei foi a aposentadoria. Pensei: quando estiver faltando uns sete anos para eu me aposentar, vou dar um jeito de construir o meu sonho. E foi o que fiz.

//
... uma biblioteca organizada, com bom acervo e bibliotecários bem preparados, tem tudo para ser relevante na formação de leitores...
//

Qual a importância das bibliotecas públicas e escolares no processo de formação humana?

Vivemos numa sociedade em que a cultura escrita prevalece. O tempo todo somos chamados a ler, escrever, preencher formulários, assinar documentos. Digo aos meus alunos que precisamos aprender a ler, depois a ler e finalmente a ler. Sim, ler três vezes. A primeira leitura é a simples decifração de códigos, aquela leitura instrumental que nos permite participar desse mundo letrado, arranjar emprego e ter acesso a livros. A segunda leitura é a literária, ler por prazer, ler para descobrir outras possibilidades de viver, ler para saber mais. Já a terceira leitura é a da compreensão do mundo, a leitura que assimilamos. É meio como ler um texto três vezes: primeiro deciframos, depois entendemos e, finalmente, apreendemos. Como as bibliotecas são, por excelência, espaços de leitura e descobertas literárias, acho que uma biblioteca organizada, com bom acervo e bibliotecários bem preparados, tem tudo para ser relevante na formação

de leitores, desde que promova, por exemplo, rodas de leitura com mediadores competentes, leve autores para conversar com os leitores, incentive o diálogo com outras artes como cinema, narração de histórias, desenho e pintura e que esteja sempre de portas abertas para a comunidade a que serve, liderando programas de estímulo à leitura, enfim, ocupando o seu lugar de protagonista no processo de formação humana na sociedade.

Em sua opinião, como as bibliotecas e a atividade do bibliotecário podem contribuir para a formação de cidadãos mais éticos, socialmente críticos e participativos, além de ajudar a melhorar a educação e a cultura no país?

Contribuir para a formação de leitores completos – aqueles que alcançam os três níveis de leitura que mencionei – é um desafio para os bibliotecários. Como atrair o não leitor, como auxiliar na educação de crianças, jovens e adultos e como formar leitores críticos e participativos são questões que o bibliotecário deve enfrentar. Não posso conceber a ideia de um bibliotecário que não goste de ler ou que não tenha um bom repertório de leitura. Sem o “brilho nos olhos” que todo leitor apaixonado tem, será muito difícil abrir-se ao outro e passar-lhe o carinho pelo livro e o gosto pela leitura. As bibliotecas devem ser espaços de encontro e discussão de políticas públicas do livro, da leitura, da literatura, das livrarias, dos escritores, da cultura. Abrir as portas das bibliotecas, preparar as pautas e promover esses debates são os desafios que os bibliotecários do Brasil no século XXI devem enfrentar e protagonizar.

Qual a sua opinião sobre a Lei Federal 12.244/2010, que prevê a obrigatoriedade de todas as escolas públicas e privadas terem uma biblioteca até 2020?

O que mais temos no país são leis ótimas e bem intencionadas como essa. O que falta é fazer “pegar” essas leis. O Plano Nacional e os planos estaduais e municipais do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas

são boas oportunidades de discutir com a sociedade as medidas necessárias para a implantação de bibliotecas em todas as escolas públicas e privadas do país, até 2020, como manda a lei. Já estamos no meio do ano de 2016, o país vive uma crise econômica, cortes e mais cortes na educação e na cultura, não é um cenário favorável. Mas, francamente, não tenho lembrança de nada fácil. Não nasci em berço de ouro, sempre estudei em escolas públicas, trabalho desde os 12 anos de idade e não pretendo parar tão cedo. A luta continua. Não dá pra ficar sentada à beira do caminho que não tem mais fim. Precisamos prosseguir com os planos, mobilizar a sociedade e seguir lutando por verbas para a construção de bibliotecas, aquisição de acervo, contratação de profissionais, formação de mediadores e implantação de projetos de estímulo à leitura.

//
Os conselhos de
fiscalização profissional...
são indispensáveis
órgãos de representação
política das classes que
representam...
//

Como vê a atuação dos conselhos de fiscalização profissional, como o CRB-6, por exemplo? Qual a importância dos conselhos para o país?

Os conselhos de fiscalização profissional, como o CRB-6 e as câmaras setoriais, como a Câmara Mineira do Livro, por exemplo, são indispensáveis órgãos de representação política das classes que representam, lideram pautas importantes das áreas e devem estar sintonizados com os desafios de seu tempo, como os vários que já citei aqui. Sobretudo, devem saber atuar em parceria com instituições públicas e privadas; promover estudos e seminários para aprimoramento do setor; ter forte presença na internet e nas redes sociais para se aproximar de seu público, além de estar abertos às demandas de qualquer cidadão. Um conselho fechado em si mesmo, que dialogue pouco com a classe que representa e que tenha pouca ou nenhuma participação política, pouco poderá fazer pelas bibliotecas e pelos bibliotecários. O que não é o caso do CRB-6, um dos mais atuantes do país.

Entrevista na íntegra disponível em nosso site e blog!



Cada vez mais pública

Com criatividade, bibliotecas municipais inovam e se reinventam para fomentar a leitura e atrair o público

Esqueça aquela imagem de uma biblioteca pública que está isolada, empoeirada e pouco frequentada. Diversas bibliotecas públicas municipais fogem do tradicional e ampliam sua atuação para além de deixar à disposição livros para interessados em sua leitura. Esse novo posicionamento acontece principalmente quando gestores públicos municipais percebem que a biblioteca de uma cidade pode ser o pilar central de uma política de educação e cultura eficiente.

Graças a profissionais capacitados, as bibliotecas públicas se renovaram com muita inventividade dos bibliotecários, o que confirma ainda mais sua

importância para a cidade. “A biblioteca é parte não só do nosso sistema educacional, como cultural. Nos últimos anos, foram feitos significativos investimentos neste setor, inclusive uma lei que estabelece o Sistema Municipal de Bibliotecas Públicas dentro do Sistema Municipal de Cultura”, confirma o prefeito de Poços de Caldas, Eloísio do Carmo Lourenço.

A cidade do sul de Minas Gerais, inclusive, é considerada um case de sucesso quando o assunto é gestão de bibliotecas públicas. Atualmente, são três na cidade, uma cabine literária e um ônibus-biblioteca. Mas nem sempre foi assim. A estrutura passou por uma reformulação em seu sistema de gestão e suas



Divulgação

Bibliotecas municipais inovam e se reinventam para fomentar a leitura e atrair o público

políticas de incentivo à leitura sob a batuta de Maria das Dôres Teodoro (CRB-6/1867), coordenadora de todas as bibliotecas. Segundo ela, o ano passado foi um período de muito estudo e diálogo com o setor de informática que implementou o software livre Koha para gerenciar o acervo e os serviços das bibliotecas de forma integrada, gerando um catálogo informatizado com cerca de 40 mil exemplares para consulta.

Dentre os projetos, a bibliotecária destaca a cabine literária. “Transformamos uma antiga cabine de telefone em um espaço de leitura, tipo autosserviço, com o lema ‘levar, doar, ler, devolver’. Um ponto de leitura que está em sintonia com a nossa política de cultura, que estabelece pontos de leitura e cultura espalhados por toda a cidade.”

Mas qual é o segredo para o sucesso de uma biblioteca pública? Há uma receita ou um método a ser seguido? Para Maria das Dôres, uma biblioteca pública foge do tradicional e alcança seu objetivo quando se torna um espaço democrático de acesso livre e irrestrito, diversificando seu acervo e seus serviços conforme a necessidade informacional de cada comunidade a que atende, passando a ser um espaço de interação entre a leitura e o leitor, conservando e preservando a memória local, mas, sobretudo, respeitando a diversidade de seu público, sem barreiras, sem preconceito de qualquer natureza, cumprindo assim, sua função social.

A bibliotecária relata que a cidade realizou um planejamento de seu sistema de bibliotecas, com visão de curto, médio e longo prazos, em prol da po-

pulação. “Estamos ampliando nossa rede de bibliotecas de três para cinco e pretendemos, por meio da implantação do Plano Municipal de Bibliotecas, do Sistema Municipal de Cultura, dobrar o número de bibliotecários em nosso quadro de funcionários. Atualmente, temos quatro bibliotecários efetivados, mas o município oferece vagas para sete profissionais, sendo quatro nas bibliotecas públicas, duas nas bibliotecas escolares e uma na biblioteca do Centro Unificado das Artes e dos Esportes. Além disso, os espaços promovem ações mensais e semanais que visam estimular a prática da leitura, como o *Cine Consciência* e o laboratório criativo de leitura em novas tecnologias, o *Cultura Digital*”, completa.

Para isso, a criação de projetos culturais que visem à disseminação com a necessidade de reinventar os espaços físicos é fundamental. “É preciso pensar no usuário. Acredito que a biblioteca pública deixará aquela imagem muitas vezes associada ao castigo e passará a ser um espaço democrático de fomento ao saber. Só assim podem ser vistas como um espaço mais acessível e condizente com os anseios da comunidade usuária”, explica Maria das Dôres.

Preceitos que a Biblioteca Municipal Argentina Lopes Tristão, na cidade de Domingos Martins, no Espírito Santo, vem seguindo desde 2009, quando Ana Maria da Silva (CRB-6/ES 680) assumiu como bibliotecária do espaço. Para a profissional, um dos diferenciais da biblioteca é a interação com a comunidade, em que se ouvem os usuários, com os bibliotecários sempre atentos aos seus interesses e com o objetivo de fugir do óbvio.

Um dos exemplos bem-sucedidos foi a sessão de filme que foi levada para dentro da biblioteca, já que a cidade não possui cinema. Daí surgiu o *Cine Clube da Biblioteca Municipal*. Enquanto isso, a biblioteca movimentou a cidade com seus projetos inovadores. Um deles é o *Biblioteca Aberta na Praça*. Uma vez por semana, durante a Semana Cultural da cidade, a estrutura da biblioteca é transferida para a Praça Central, onde é promovida uma série de





Ana Maria Silva, bibliotecária responsável pela Biblioteca Municipal Argentina Lopes Tristão, na cidade de Domingos Martins (ES)

eventos culturais. “Isso aumenta muito a visibilidade da biblioteca”, frisa Ana Maria.

O mais recente programa implementado tem o objetivo de aumentar ainda mais os 900 usuários/mês. Trata-se do *Projeto Empoderamento Digital*, iniciativa que tem a parceria do Comitê de Democratização da Informática (CDI-Bibliotecas). “Ele tem nos ajudado a integrar ideias e serviços inovadores na biblioteca”, pontua Ana Maria. De acordo com a bibliotecária, é uma oportunidade ímpar que o CDI está oferecendo para enfrentar os desafios colocados pelas novas tecnologias de informática.

Nessa parceria com o CDI-Bibliotecas, além de receber dez computadores de última geração, o espaço ainda participa de cursos com a equipe CDI e interage com outros profissionais da área de biblioteconomia. Em julho, iniciaram os cursos de programação e desenvolvimento para aplicativos de celular.

Os usuários ratificam o sucesso destes setores. “Estar na biblioteca e poder pegar no livro literalmente é uma sensação única e quase indescritível. As bibliotecas públicas de Poços de Caldas atendem, de forma excepcional, os servidores que lá trabalham e estão sempre dispostos a ajudar. Os espaços são ideais para

aprender e passar o tempo, cultivando o hábito da leitura”, afirma o poços-caldense Eugênio Carlos Adami. Já Thyane Alvarenga Andrade, frequentadora da Biblioteca de Domingos Martins, enxerga o equipamento como uma extensão de casa, um lugar agradável em que pode ser quem quiser. “A Biblioteca de Domingos Martins é um modelo de interação entre os funcionários e os visitantes, aonde você vai não apenas para fazer o empréstimo de um livro, mas também para trocar ideias, dicas e sugestões de temas relacionados à literatura. Além dessas características, há projetos que promovem uma maior aproximação do espaço com o público, por exemplo, o Clube do Livro, que acontece sempre na última quarta-feira do mês”, completa a usuária.

A bibliotecária Marina Nogueira (CRB-6/2194) atuou por quase 10 anos na Superintendência de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais e afirma que a biblioteca pública é um local privilegiado de acesso à cultura e à informação nas comunidades onde estão inseridas, trabalhando para disseminar a informação, preservar o patrimônio bibliográfico e desenvolver ações para formação de leitores. Além disso, atende a todos os públicos, desde o bebê, a criança, o jovem, até os

adultos e os idosos. Todas as pessoas, de qualquer raça, classe social, credo ou afinidade política, têm espaço em uma biblioteca pública. “O papel desse segmento da Biblioteconomia vem passando por mudanças nas últimas décadas, voltando-se para um desempenho dinâmico, vivo, integrado às várias manifestações artísticas e atuando como importante instrumento de caráter social, que contribui para o diálogo, articulação da comunidade e para o aprendizado ao longo da vida”, pontua a bibliotecária.

Valorização da cultura local

Outra cidade da região Sul de Minas Gerais que se destaca pelo seu sistema de bibliotecas é Campo Belo. Lá estão cinco bibliotecas públicas que têm projetos diversificados para instigar a população a sempre estar com um livro em mãos. Um deles privilegia os autores da terra – *Projeto Escritores Campobelenses*, uma criação de um espaço destinado às obras escritas por pessoas da cidade com o objetivo de valorizar a cultura local.

As estratégias de fomento vêm dando resultado. Nas cinco bibliotecas da cidade a média de usuários



Divulgação

Bibliotecas buscam interação com a comunidade

mensais é de cerca de 2.350 pessoas. “Priorizamos o atendimento do usuário com profissionais aptos a receberem suas demandas, com dicas, novas ideias e sempre com o acervo atualizado. Além disso, implementamos o acesso ao *Wi-Fi*, maior disponibilização de computadores, criação de sala de estudo individual, valorização dos frequentadores regulares e um grande acervo infantil, com um ambiente agradável e temático”, explica Eliana da Conceição Silva Garcia (CRB-6/1321), bibliotecária que coordenou os espaços durante 27 anos.



Oportunidade para bibliotecários e ganho para a cidade

Esses são somente alguns dos bons exemplos de bibliotecas públicas em Minas Gerais e Espírito Santo. Certamente, a alta frequência de usuários e a qualidade das atividades desenvolvidas e dos eventos propostos nos espaços é resultado da atuação do bibliotecário regularizado. Só no ano passado, 15 concursos foram abertos no interior dos dois estados para os profissionais da área para atuar em bibliotecas públicas. Nos primeiros meses deste ano, outros dez concursos foram abertos e a expectativa é que este número dobre.

O Conselho Regional de Biblioteconomia 6º Região (CRB-6), por meio da Comissão de Fisca-

lização, definiu como uma das suas prioridades a vistoria em bibliotecas públicas e escolares nas instituições mineiras e capixabas. As visitas fiscalizatórias resultaram no perfil de diversas bibliotecas públicas, modelos que primam pela excelência em seus serviços e pelo atendimento dos mais variados públicos – ainda que, na maioria das vezes, por meio de recursos limitados.

Até o fechamento desta edição da revista CRB-6 Informa, foram perfiladas, em nossos canais de comunicação, 40 bibliotecas públicas. Para ler as matérias, acesse o site www.crb6.org.br.

Projetos sociais apostam no poder da leitura

Atividades culturais promovidas por cidadãos comuns resgatam o hábito de leitura

Marlos Ney Vidal



Túlío e o pai, Joaquim, na Borrachaloteca

O filósofo Sêneca já dizia: “a leitura nutre a inteligência”. Livros desvendam mistérios, trazem conhecimento e ajudam a compreender o mundo. Por essas e outras razões servem como importante instrumento de transformação social. É justamente esse poder transformador que inspira pes-

soas comuns a criarem trabalhos sociais que visam o fomento e o acesso à leitura. Distribuição gratuita de livros e divulgação de obras em locais públicos são algumas das principais ações promovidas.

O curioso é que a maioria dos idealizadores não possui formação em biblioteconomia. A gran-

de questão é: por que os bibliotecários não aproveitam os conhecimentos na área, os contatos e a estrutura das bibliotecas para apadrinhar iniciativas ou se juntar ao time de criadores? Para Cristiane Lopes (CRB-6/1980), bibliotecária e voluntária no projeto *Borrachaloteca*, “a presença de bibliotecários graduados e capacitados em projetos deste tipo é de suma importância, pois conhecimentos técnicos podem agregar valor aos serviços prestados. Mas as ações promovidas por pessoas de outras áreas também merecem reconhecimento. A reunião de indivíduos com múltiplas visões e formações é muito positiva”.

A revista CRB-6 Informa selecionou algumas iniciativas que mostram como os livros podem ajudar a formar cidadãos e a construir uma sociedade melhor. São trabalhos que servem como verdadeiras fontes de inspiração.

Livro de Graça na Praça

Já imaginou convidar escritores de várias regiões do país para escreverem obras sobre determinados temas, reunir os textos em livros e distribuí-los gratuitamente para milhares de pessoas? É isso que o projeto *Livro de Graça na Praça*, idealizado por José Mauro da Costa, professor com mestrado em Literatura Brasileira, faz desde 2002.

Uma vez por ano uma praça é escolhida para sediar o evento. Ali, são distribuídos gratuitamente livros de contos, infanto-juvenis, cordéis e obras acadêmicas. Para instigar ainda mais o gosto pela literatura, os locais recebem oficinas de leitura e contação de histórias. Além de valorizar a prática da leitura, o projeto incentiva a escrita. Alguns meses antes do evento, é lançado um edital de concursos de contos e os três ganhadores têm seus trabalhos publicados no livro do ano. “A leitura e a escrita promovem o desenvolvimento da educação em nosso país. Como disse um filósofo espanhol, ‘mais livros, mais livres’, diz José.

O professor também ressalta que o *Livro de Graça na Praça* “resgata e preserva o conto, uma forma literária tão tradicional e apreciada por grandes escritores”. Em 14 anos de existência, a iniciativa já per-

correu as cidades de Belo Horizonte, São Lourenço, Uberaba e Uberlândia (MG), Crato (CE) e Manaus (AM). Mais de 330 mil livros com textos de autores renomados e de novos talentos foram doados. Estima-se que 1,4 milhão de pessoas já leram as obras. O evento de 2016 aconteceu em setembro, na Praça Duque de Caxias, no bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte.

Livro em movimento

O nome do projeto já diz tudo sobre o seu objetivo. *Colocando o livro em movimento* visa democratizar o acesso à leitura, com a retirada das obras das estantes para circulação em comunidades carentes de Santa Luzia, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Do total de 2,5 mil livros da Biblioteca Comunitária Corrente do Bem, os títulos duplicados ou os que não estão mais sendo utilizados pelos usuários são encaixotados e expostos em eventos organizados pela Rede Cultural de Santa Luzia. Os interessados podem levar essas obras sem a obrigação de devolvê-las.

“O único compromisso da pessoa que pega um livro é lê-lo, podendo doá-lo para quem quiser, após a leitura. De início, muitas pessoas ficam intimidadas em escolher um título para levar para casa. Mas, ao perceberem que é uma doação, ou seja, um presente para quem se interessa por leitura, a interação e a receptividade são bem positivas”, ressalta Alzira Maria de Mello Salvo, voluntária da Biblioteca. Moradores dos bairros São Benedito, Taquaraçu de Baixo e Peões já foram beneficiados com o projeto.

Em 2006, o Centro Cultural de Santa Luzia recebeu a doação de vários livros da comunidade, motivada pela Campanha da Fraternidade daquele ano que abordava o tema reciclagem e meio ambiente. “Mesmo sem o conhecimento técnico, separamos os livros por temas e os organizamos nas estantes também doadas. Assim, teve início a primeira biblioteca comunitária da cidade, espaço que ocupa importante papel sociocultural frente aos moradores locais”, conta Agripina Maria da Conceição Vieira, presidente do Centro Cultural.



Borrachaloteca

Em 2002, o professor Marcos Túlio Damascena instalou uma estante de livros na borracharia do seu pai, em Sabará, cidade na Região Metropolitana de Belo Horizonte, e ali nasceu a *Borrachaloteca*. Quatro anos depois, o projeto transformou-se no Instituto Cultural Aníbal Machado, em homenagem ao escritor sabarense de mesmo nome. A iniciativa ganhou o Prêmio Viva Leitura, dos Ministérios da Cultura (MinC) e da Educação (MEC) e da Organização dos Estados Iberoamericanos para Educação, Ciência e Cultura (OEI) e, em seguida, Ponto de Cultura, ingressa no Polo Sou de Minas, Uai!, rede de bibliotecas comunitárias do Programa Prazer em Ler, do Instituto C&A.

Atualmente, o acervo conta com aproximadamente 10 mil exemplares que está distribuído em três unidades: Sala Son Salvador, Casa das Artes e Espaço Libertação pela Leitura. Dentre as atividades e serviços oferecidos à comunidade estão o empréstimo de livros, acesso a computadores com internet, oficinas culturais, apresentações artísticas, exposições de cordel, mediação de leitura, narração de histórias e

ações de fomento à leitura, como distribuição gratuita de livros. O projeto conta com uma bibliotecária profissional, Rejane Valéria Santos (CRB-6/2907) responsável pela catalogação do acervo, tratamento da informação, capacitação de pessoal para preparo físico de material, alimentação de sistema informatizado, sinalização de espaços, dentre outras funções.

Em setembro do ano passado, a *Borrachaloteca* foi a proponente da Festa Literária de Sabará (FLIS) que contou com diversas atrações culturais, além da presença de escritores, ilustradores, cordelistas, narradores de história e oficineiros que fizeram a cidade respirar literatura. Foram distribuídos gratuitamente cerca de 4.500 livros e alunos da rede estadual de ensino puderam trocar vale-livros por livros novos. Em 2016, a segunda edição do evento ocorreu entre os dias 26 de junho e 3 de julho. O idealizador, Marcos Túlio, tem orgulho dos resultados já alcançados: "A FLIS é a única do gênero do país organizada por uma biblioteca comunitária. A cada ano vai se tornando a principal ação de fomento ao livro, leitura e literatura na cidade."

Leitura reduz penas em presídios

A Recomendação 44/2013 do Conselho Nacional de Justiça prevê que a cada livro lido o preso pode abater quatro dias do tempo de sua pena. Apesar de estar em vigor há mais de dois anos, poucas unidades prisionais do país adotaram a medida. Em Minas Gerais, por exemplo, segundo dados da Secretaria de Estado de Defesa Social, os municípios de Governador Valadares, Juiz de Fora, Uberlândia, Itabira e Poços de Caldas concedem o benefício aos

presidiários. Em relação à participação, o último levantamento da Diretoria de Ensino e Profissionalização da Subsecretaria de Administração Prisional (Suapi), constava 731 presos cadastrados.

Um exemplo de lugar onde o projeto é bem sucedido é Poços de Caldas. A iniciativa chegou à cidade em janeiro de 2015 pela iniciativa do professor Davidson Sepini Gonçalves, da PUC Minas Poços de Caldas. "O objetivo é promover transformações no cotidiano dos cárceres e muni-los de

novas ideias e perspectivas para quando voltarem ao convívio social. A leitura nos mostra que somos todos portadores da mesma humanidade. Isso significa que podemos viver de maneira criativa, enfrentando os desafios e buscando novas perspectivas”, afirma o idealizador.

Os números alcançados na cidade são cada vez mais satisfatórios. Setenta e oito presos inscritos, mais de 200 livros lidos e 160 resenhas enviadas para o juiz. A PUC Minas abraçou a causa e empresta livros de sua biblioteca e fornece materiais de papelaria. As atividades são ministradas por Davidson e alunos dos cursos de Psicologia e Direito. Eles ajudam na escolha das obras, instruem sobre a confecção da resenha e acompanham o processo solicitando correções. O preso tem o prazo de vinte e um a trinta dias para ler o livro e apresentar a resenha. Uma comissão avalia os materiais recebidos, envia o parecer para o juiz e os autores das resenhas aprovadas recebem a remissão de quatro dias em suas penas. Por ano, podem ser apresentados até 12 trabalhos. “Observamos muitas evoluções. Os cárceres passam a ler e escrever melhor, ampliam a capacidade de decodificar os livros e de absorver deles significados para suas vidas”, completa Davidson.

Vamos Ler!

Desde janeiro deste ano, alguns ônibus que circulam pelo campus avançado da Universidade Federal

de Juiz de Fora (UFJF), em Governador Valadares, cidade localizada no Vale do Aço mineiro, se transformaram em bibliotecas graças ao *Vamos Ler!*. Elaborado pela biblioteca, em parceria com a área de Comunicação, Cultura e Eventos, o projeto consiste na inserção mensal de obras literárias curtas e de fácil leitura nos veículos que transportam estudantes até o Restaurante Universitário. Cada poltrona recebe um texto diferente e estima-se que 400 pessoas utilizam o meio de transporte por dia.

O tema é escolhido de acordo com as datas comemorativas do período. Por exemplo, em janeiro, como homenagem ao aniversário de 178 anos do município, foram publicadas obras de poetas valadarenses; em fevereiro, o assunto foi carnaval; em março, Dia Internacional das Mulheres, e assim por diante. A ideia do projeto foi da bibliotecária Aline Pereira da Costa (CRB-6/2907): “o hábito de ler só acontece quando as pessoas são expostas à leitura de qualidade e com frequência. O *Vamos Ler!* incentiva essa prática e contribui para a disseminação de conhecimento, desenvolvimento do vocabulário, acesso a diferentes estilos literários e desperta nos indivíduos novos horizontes culturais e pessoais, além da formação crítica”.

Diversas instituições contribuem com o sucesso da ação encaminhando sugestões de textos e nomes de autores. Outro parceiro é o Instituto Psia, empreendimento cultural de Governador Valadares que realiza eventos de artísticos e culturais.

Um poema em cada árvore

Outro projeto de destaque em Governador Valadares é o *Um poema em cada árvore*. Desde 2010, poesias são penduradas mensalmente nos troncos das árvores da cidade. O idealizador é Marcelo Rocha: “por ser de baixo custo e de fácil replicação, a ação já inspirou poetas, estudantes, educadores, bibliotecas e escolas a fazer o mesmo. Todo dia 21 de setembro, em celebração ao Dia da Árvore, diversos municípios penduram poemas em suas árvores. Além de incentivarmos a leitura, promovemos poetas locais”, diz o poeta, músico e gestor cultural. A iniciativa já alcançou mais de 100 cidades de 25 estados brasileiros.

Acervo da saúde

Com mercado em expansão, bibliotecas hospitalares alimentam o conhecimento de médicos, enfermeiros, residentes e pacientes



Designed by Freepik

Se de médico e louco todo mundo tem um pouco, o bibliotecário que presta serviços a bibliotecas hospitalares precisa ter seu lado médico bastante afiado. Mais do que locais de tratamento, hospitais são também locais em que é possível encontrar um grande número de fontes de conhecimento especializado, por meio de suas bibliotecas e centros de estudos. As bibliotecas hospitalares têm como um de seus principais objetivos fomentar o ensino ligado às faculdades da área médica, além de munir os médicos já formados com artigos científicos e novas publicações de cada especialidade clínica. Algumas bibliotecas hospitalares até disponibilizam parte de seu acervo para leitura dos pacientes e seus familiares dentro das instalações da instituição.

No Hospital Sofia Feldman, especializado em assistência materno-infantil, a bibliotecária Fabiana Marques de Souza (CRB-6/2086) afirma que em geral atende os profissionais do hospital, como médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e psicólogos, além de residentes e de mães internadas: “as mães costumam pegar emprestados vídeos sobre maternidade, partos, aleitamento materno e gestações de alto risco”. E se o profissional ou a gestante precisarem de um material muito específico? “Como em qualquer outra área, é necessário entender com o que estamos trabalhando. Temos que compreender termos médicos, especialmente ligados à ginecologia e à obstetrícia. A pesquisa fica mais simples e precisa se o profissional conhecer bem os termos com os

quais trabalha”, resume Fabiana. De acordo com a profissional, seu trabalho é quase totalmente online: “trabalho o tempo todo buscando fontes em bases de dados eletrônicos, mesmo quando estamos à procura de material impresso ou em outro suporte,” afirma.

Na biblioteca do Sofia Feldman, o acervo é majoritariamente digital, excetuando-se, por exemplo, os materiais que são produzidos por profissionais da instituição. “Nosso trabalho se insere em um campo de capacitação, e atendemos às demandas de residentes de ginecologia e obstetrícia, de neonatologia, enfermagem obstétrica, entre outros. Recebemos muitas demandas via internet”, explica. Contando com uma equipe que auxilia no atendimento ao público, Fabiana de Souza leva seu trabalho para a sala de aula: “ministro uma aula dentro da disciplina de Metodologia Científica sobre base de dados, fontes de consulta e o trabalho que realizo na biblioteca do Hospital. Depois disso, sempre que alguém não consegue fazer uma busca ou uma pesquisa, agenda um horário com a gente”, conta. “Se o estudante está desenvolvendo uma pesquisa de campo ou um projeto, ajudamos na adequação para inserção na plataforma, na elaboração de relatórios; na estruturação de arquivos ou mesmo na adequação para publicações”, completa a bibliotecária.

Para a bibliotecária Rita Maria de Aguiar Coelho (CRB-6/1854), coordenadora da biblioteca da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, o conhecimento específico necessário para trabalhar em uma biblioteca hospitalar aumenta com a experiência. “É

importante conhecer de anatomia, por exemplo, mas não há um curso específico que o bibliotecário possa fazer. É um conhecimento que vem com a prática. No caso da Rede Sarah, o profissional passa por um treinamento sempre que é aprovado em concurso, mas não é uma capacitação específica para a biblioteca hospitalar”, afirma.

A biblioteca hospitalar tem suas peculiaridades, que variam de um hospital para outro: “aqui o forte não são os livros. Fazemos muita pesquisa em base de dados e fornecimento de arquivo para os profissionais. Além de buscar artigos, a Rede Sarah assina um volume grande de revistas e, quando não conseguimos o que o público precisa, solicitamos o material que sabemos estar disponíveis em outras bibliotecas”, resume Rita.

O Hospital Odilon Behrens também conta com uma biblioteca, cuja responsável é Denise Cristina de Castro (CRB-6/1941), bibliotecária cedida pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana (Faseh). O acervo desta biblioteca pode ser emprestado a residentes e funcionários do hospital, e consultado por pessoas da comunidade. De acordo com Denise, a principal diferença entre trabalhar em uma biblioteca de hospital e em uma biblioteca pública ou escolar é a “necessidade de manter o acervo sempre extremamente atualizado, com artigos científicos. É fundamental conhecer o perfil do acervo e dos usuários”.

O trabalho em bibliotecas hospitalares é um campo inexplorado pelos profissionais de Biblioteconomia. De acordo com dados do IBGE, existem 547 hospitais em Minas Gerais e 88 no Espírito Santo.

Bibliotecário em bibliotecas hospitalares



Média salarial: 2 a 4 mil reais



Jornada de trabalho: 30 a 40 horas semanais

Fiscalização e luta pela valorização dos bibliotecários

CRB-6 intensifica ações que visam à garantia de mercado aos profissionais da área

N o ano em que completa seu cinquentenário, o Conselho Regional de Biblioteconomia 6º Região (CRB-6) atinge um recorde no número de visitas fiscalizatórias. Em 2015, o CRB-6 realizou 496 vistorias, 25% a mais que o ano anterior. O número reflete diretamente no mercado de trabalho para os bibliotecários. A Resolução nº 33, de 2011, do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), regulamenta o processo fiscalizatório do exercício da profissão de bibliotecário em todo território nacional. Baseado nessa resolução, o CRB-6 realiza visitas às instituições mineiras e capixabas. As fiscalizações ocorrem semanalmente na região metropolitana de Belo Horizonte, mensalmente no interior do estado e trimestralmente no Espírito Santo (ES).

O processo de fiscalização é composto por três etapas: a lavratura do auto de infração, a plenária de julgamento, a aplicação de multa (de acordo com a decisão da plenária) e o recurso junto CFB. Em casos de nova incidência, a aplicação de multa corresponderá ao dobro da penalidade anteriormente aplicada. "O CRB-6, assim como todos os conselhos regionais, segue a resolução do CFB que estabelece como é feita a fiscalização, as multas aplicáveis e os valores cobrados, que variam de 1 a 50 anuidades. Caso a instituição não se regularize, são realizados julgamentos. O CRB-6

faz cerca de sessenta julgamentos por ano. A maior parte das irregularidades são encontradas em escolas e bibliotecas públicas do interior", destaca o bibliotecário fiscal do CRB-6, Lúcio Tannure (CRB-6/2266).

As autuações mais comuns são de leigos exercendo a profissão de bibliotecário ou a inexistência do bibliotecário como responsável técnico pela biblioteca da instituição. Segundo o fiscal do CRB-6, a prioridade para as vistorias é definida por meio de denúncias sobre bibliotecas irregulares, mas as visitas ocorrem anualmente em todas as instituições pertencentes à 6º Região. Para Lúcio, as vistorias tem o intuito de aumentar o número de vagas para os profissionais de Biblioteconomia e, assim, regularizar e expandir o mercado de trabalho da área. "Contribuímos para a sociedade ao garantir o bibliotecário como o mediador da informação", completa.

Foi graças a uma dessas fiscalizações que a bibliotecária Sandra Joana D'arc Chaparin (CRB-6/3278), da cidade de Extrema, localizada no Sul de Minas, conseguiu emprego na Biblioteca Pública Municipal Prudência Cardoso Pereira. Sandra, a primeira bibliotecária a assumir o cargo da instituição desde sua inauguração em 1994, acredita que a fiscalização é de grande importância para que as bibliotecas sigam os padrões que devem ser respeitados.

Além disso, para ela tal fiscalização ampara o profissional na excelência de seu trabalho. “Sabemos que há muitas bibliotecas funcionando sem o devido profissional. É, muitas vezes, por meio das fiscalizações que são abertos concursos para bibliotecários”, afirma. A bibliotecária mineira não é a única que foi beneficiada com as fiscalizações do CRB-6, Larissa Rodrigues (CRB-6/ES 836) conseguiu emprego em uma instituição de ensino na região metropolitana de

Vitória graças a atuação Conselho no Espírito Santo.

A presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região, Mariza Martins Coelho (CRB-6/1637), garante que as atividades de fiscalização são um dos principais objetivos. “O trabalho de fiscalização é importante, pois contribui para consolidar a profissão do bibliotecário, uma vez que a instituição sente a necessidade e a importância de um profissional especializado a frente da biblioteca”, ressalta.



Saiba mais sobre o processo fiscalizatório

A revista CRB-6 Informa conversou com o ex-delegado do Espírito Santo, Eduardo Valadares (CRB-6/ES 615), sobre as fiscalizações feitas pelo Conselho. Confira a seguir:

Qual a postura do CRB-6 perante os bibliotecários prejudicados por instituições que não cumprem regulamentação?

A legislação não é cumprida quando as instituições públicas ou privadas possuem um setor que se caracterize como biblioteca ou unidade de informação e que demande a presença de um profissional bibliotecário atuando nesse departamento. Contudo, pode ser que haja casos nos quais a irregularidade esteja na constatação de que o profissional contratado para exercer a função esteja desabilitado para a atividade, ou mesmo um bacharel em biblioteconomia sem registro no Conselho ou com pendências junto às instituições que representam a categoria. No primeiro caso, acredito, por mais que a aplicação da multa seja prerrogativa do Conselho, que o processo prévio de diálogo com a instituição acerca da importância de se garantir a contratação do bibliotecário é fundamental. Porém, se essa aproximação não surtir o efeito esperado, caberá à fiscalização a aplicação das medidas previstas na legislação.

Qual a contribuição da fiscalização de bibliotecas públicas e privadas feita pelo CRB-6 para os profissionais?

Acredito que a fiscalização sistemática, ainda que saibamos das limitações impostas pela grande extensão territorial que está sob responsabilidade do CRB-6, é fundamental para garantir a atuação de profissionais realmente habilitados. Além disso, as fiscalizações contribuem para assegurar os postos de trabalho dos bibliotecários e, acima de tudo, para que a população e as instituições públicas e privadas tenham ao seu dispor sujeitos acadêmicos e profissionalmente capacitados para gerir, disponibilizar e mediar a informação de qualidade.

As fiscalizações influenciam na defesa, abertura de vagas e valorização da profissão?

Temos diversos casos nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, nos quais, após o processo de fiscalização, foram abertos postos de trabalho para bibliotecários e, inclusive, concursos públicos para a efetivação desses profissionais. No Espírito Santo, temos trabalhado em parceria com o Ministério Público Estadual, movendo uma ação civil pública contra o Governo do Estado que se nega a dialogar com a classe e com o Conselho para viabilizar a contratação de bibliotecários para as mais de 500 escolas públicas estaduais.

CRB-6 50 anos

Cinquentenário do Conselho é marcado por luta pelo reconhecimento da classe

Valorização da profissão de bibliotecário, fomento do mercado e ampliação do ofício para além das bibliotecas. Esse é o propósito que há 50 anos impulsiona o Conselho Regional de Biblioteconomia 6º Região (CRB-6) a reivindicar pelos bibliotecários. Por isso, a trajetória do CRB-6 pode ser descrita pelos impactos dessas ações na qualidade do ensino e na gestão profissional da informação e do conhecimento dos mineiros e capixabas. Em cinco décadas o Conselho se tornou uma referência no Brasil para a área.

A primeira presidente do CRB-6 Annaiz Maria Vial (CRB-6/001) contou a revista CRB-6 Informa que o Conselho surgiu como um ideal. Ela e um grupo de bibliotecários se reuniam durante as tardes de sábado para debater assuntos referentes à área, como a garantia de melhores condições de trabalho para os profissionais. “Não tínhamos estrutura física para os encontros. Então, o tio de uma das bibliotecárias, a Nara Maldonado de Carvalho, nos cedeu uma sala na Rua Curitiba, esquina com Tupinambás, e minha mãe deu uma mesa de casa” relembra. Ainda que com mínimas condições, a fundação do CRB-6 teve um planejamento financeiro. Annaiz explica que para participar dos encontros, os bibliotecários pagavam uma taxa e que foi o dinheiro [das taxas], que deu origem ao caixa do Conselho. Dessa forma, eles conseguiram adquirir cadeiras e itens de papelaria, como o livro de ata, para a realização das reuniões.

Tanto a presidente quanto os primeiros conselheiros tiveram como mote a fiscalização da profissão. “Na época, as bibliotecas eram depósitos de livros e carregavam um estigma de que ‘o velho cuidava do velho’, pois eram designados profissionais próximos da aposentado-



Fabiana Senna

A primeira presidente do CRB-6, Annaiz Maria Vial, conta que tem muito orgulho de ser bibliotecária

ria para a gestão do espaço”, diz a bibliotecária. Os pioneiros eram engajados e se dedicavam ao trabalho por amor a Biblioteconomia, nenhum deles recebia por isso. O intuito desse movimento foi colocar em prática a técnica estudada nos cursos de graduação.

Para a ex-presidente, as bibliotecas eram bem estruturadas, mas não tinham organização. “Os antigos bibliotecários não tinham catálogo, os livros eram registrados por ordem de chegada e eles tinham que ter uma ótima memória, devido à falta de um sistema. Por isso, hoje é tão importante o trabalho do CRB-6, pois a fiscalização é efetiva e são aplicadas multas, em caso de irregularidades”, observa.

Diálogo aberto

Promover a interação entre a classe, com cunho de capacitação e atualização da profissão de bibliotecário, foi o principal objetivo da 14ª gestão do

CRB-6 e da ex-presidente Sônia Miranda de Oliveira (CRB-6/1381).

A atual bibliotecária do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) cumpriu seu mandato no Conselho de 2006 a 2008 e reconhece a experiência como enriquecedora. “Com o auxílio de meus colegas conselheiros, repaginamos o CRB-6 e buscamos uma aproximação entre o órgão e os bibliotecários”, pontua. Na gestão do Conselho Regional, Sônia se empenhou para uma maior participação da entidade nas iniciativas em prol da profissão. Além disso, seu mandato foi marcado pela promoção de cursos e palestras com estudantes e profissionais da Biblioteconomia. Os eventos serviram para rerepresentar o CRB-6 como um Conselho totalmente moderno e dinâmico, que como seus suportes informacionais e tecnológicos estava em constante evolução. “Estabelecemos um canal de comunicação entre o CRB-6 e outros órgãos representativos da classe e revitalizamos a Revista, colocando-a com número de ISSN oficial, diagramação personalizada e com periodicidade em dia” completa.

A 14ª gestão foi caracterizada ainda pela intensificação do trabalho de fiscalização nas instituições públicas e privadas do estado, que promoveu a abertura de inúmeras vagas para os bibliotecários. Mesmo com todas essas conquistas, Sônia relembra que o maior desafio enfrentado em seu mandato foi a confirmação da importância e do papel do Conselho perante os profissionais da Biblioteconomia.

O ex-delegado do Conselho no Espírito Santo, Eduardo Valadares (CRB-6ES/615) acredita que o CRB-6 é um dos órgãos responsáveis por garantir o cumprimento da legislação no que diz respeito à regulamentação da profissão. “Através da fiscalização, o Conselho desenvolve permanentemente ações que visam à valorização dos bibliotecários. Destaco dentre essas ações, os trabalhos desenvolvidos pela Comissão de Bibliotecas Escolares, que em parceria com a Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) tem feito um brilhante trabalho no que diz respeito à formação continuada, visibilidade à sociedade como um todo da importância da biblioteca escolar e do bibliotecário como gestor desse equipamento”, pontua.

Dessa forma, o CRB-6 assume um papel importante no desenvolvimento de políticas que beneficiam a categoria. Eduardo ainda completa: “não olho exclusivamente a importância do bibliotecário por um prisma corporativista, de quem quer garantir e entrada e permanência desse profissional, mas sim porque sei da potencialidade que temos para desenvolver um belíssimo trabalho em instituições diversas, não só as tradicionais, mas também em campos inovadores e ainda pouco explorados.”.

Representatividade

“Atuação exemplar” é assim que define o CRB-6 a ex-presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), Nêmore Arlindo Rodrigues (CRB-10/820). A bibliotecária conta que o trabalho desenvolvido pelos representantes do CRB-6 é estruturado e próximo a categoria. “Sempre acompanhei de perto as atividades e ações do CRB-6 com vistas ao fortalecimento da profissão de bibliotecário. Igualmente, a sua atuação conjunta com a academia, que contribuiu para a consolidação profissional tão almejada e necessária”, relata.

Nêmore afirma que o estabelecimento de políticas públicas voltadas ao fomento da informação, da cultura e do conhecimento constitui uma luta permanente dos bibliotecários e que o CRB-6 busca essa integração com os diversos órgãos competentes para alicerçar e viabilizar tais políticas. “Prova disso foi a decisão do CFB de incorporar o antigo CRB-12, dos nossos colegas do Espírito Santo, ao CRB-6. Por questões geográficas e históricas, a opção não seria exatamente a que foi escolhida. No entanto, a nossa gestão do CFB à época apostou na competência, seriedade, organização e, sobretudo, no compromisso e responsabilidade do CRB-6, para abraçar uma causa tão complexa e difícil como a posta em 2010”, conta. A ex-presidente relembra de ter dito em reunião plenária do CFB que a excelência do CRB-6 seria tamanha, que talvez essa fosse uma decisão irreversível, a despeito do desejo que o CRB-12 se reerguesse e voltasse a existir como tal.

Por fim, Nêmore parabeniza o Conselho pelos seus 50 anos.

Cinco décadas de histórias para contar



Orfila Mudado, bibliotecária fiscal do CRB-6

A bibliotecária fiscal do CRB-6 Orfila Maria Mudado Silva (CRB-6/756), há 14 anos na função, conta que em suas visitas fiscalizatórias já vivenciou situações inesperadas. Ela relatou a revista CRB-6 Informa dois casos curiosos de suas viagens pelo interior de Minas Gerais.

"Atendendo denúncia feita por falta de profissional habilitado em uma biblioteca pública do interior de Minas Gerais, a 316 km da capital, tive que me esconder na igreja da cidade após visitar o local. Imagina só: a funcionária responsável pela biblioteca, que trabalhava lá há mais de 20 anos, me disse ao final da fiscalização, que não iria assinar o comprovante do auto de infração e muito menos repassar para o prefeito da cidade. Fiquei surpresa e tentei explicar para ela a situação, conforme a resolução 033/2001. Isso piorou tudo! Ela ficou bastante nervosa e começou a gritar e, de repente, saiu correndo atrás de mim querendo me agredir. Eu, apavorada, saí correndo e entrei na primeira porta que vi aberta, que era a da igreja, fiquei rezando até me acalmar. Retornando da viagem fiz todos os trâmites até o julgamento. Foi realizado concurso público nesta cidade e regularizada a situação. A funcionária nervosa hoje é aposentada."

"Fiscalizando outro município de Minas, a 384 km da capital, descii do ônibus no centro da cidade, pois a cidade não tinha rodoviária, e fui procurar a biblioteca pública. Acontece que a biblioteca ficava localizada do outro lado da cidade. Tinha que passar por um parque enorme que contorna a cidade e este parque estava fechado. No lugar que eu estava não havia ônibus e muito menos táxi para o destino. Perguntei a uma pessoa da cidade como eu poderia chegar até lá e ele me disse que o meio mais fácil era pegar uma charrete para chegar à biblioteca antes que ela fechasse. Não tendo outra alternativa, subi na charrete e cheguei ao meu destino depois de passar pela cidade inteira. Quando descii da charrete e tive um ataque de risos. Na volta fui andando, andando e andando até ao centro da cidade."



Biccateca

Assim se escreve Biblioteca.

R. GERMANO CARLOS KNAPICK | 393 | ÁREA INDUSTRIAL | CEP 99.706 402 | ERECHIM | RIO GRANDE DO SUL

+ 55 (54) 3321.2177 | VENDAS@BICCATECA.COM.BR | WWW.BICCATECA.COM.BR





Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselho Regional de Biblioteconomia

